

A arquitetura dos mármorees nos conventos paulistas. *O Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros*

Carlos Filipe* | João Pires Lopes**

Nota prévia

O presente artigo, faz parte de uma série dedicada à arquitetura dos mármorees nos conventos da Congregação da Serra D'Ossa da Ordem de São Paulo Primeiro Eremita. Trata-se de um estudo alargado, com a participação da História da Arte, subsidiário do projeto Património e História da Indústria dos Mármorees – PHIM.¹

O projeto PHIM foi iniciado em 2012, encontrando-se na sua terceira fase, com diversas áreas de investigação sectoriais, das quais destacamos os estudos realizados e publicados: *O apogeu do mármore no Alto Alentejo: equipamentos da arquitetura religiosa no século XVIII*²; *As rochas ornamentais na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima (Portugal): entre o estético e o simbólico*³ e, mais recentemente, *História das empresas de mármore, granito e pedras afins – Hemagra*⁴.

Nesta segunda parte do estudo sobre os mármorees e a Congregação da Serra D'Ossa, iremos analisar o Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros,

* ARTIS-IHA, FLUL | CECHAP

** UÉ | CECHAP

¹ <https://www.marmore-cechap.pt/>

² Carlos Filipe; Maria João Pereira Coutinho e Patrícia Monteiro. “O apogeu do mármore no Alto Alentejo: equipamentos da arquitetura religiosa no século XVIII”. In *Mármore 2 000 anos de História. Contributo dos mármorees do Alentejo para afirmação das artes (volume III)*. Coimbra: Edições Almedina, 2022, pp. 325-382.

³ Clara Moura Soares; Rute Massano Rodrigues; Carlos Filipe e Noel Moreira. “As rochas ornamentais na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima (Portugal): entre o estético e o simbólico”. In *BSAA arte*. Valladolid: Ed UVa Ediciones Universidad, 2022, p. 371-399. <https://revistas.uva.es/index.php/bsaaarte/article/view/6946/4982>. (consultado em 05-05-2023).

⁴ Armando Quintas; Ana Cardoso de Matos *et al.* *História das empresas de mármore, granito e pedras afins – Hemagra*. Évora: CIDEHUS, 2023. (estudo em progresso) <https://www.hemagra.uevora.pt/> (consultado em 08-06-2023).

da referida Ordem de São Paulo, fundado por uma comunidade eremítica instalada no termo da vila de Borba, no primeiro quartel do século XV e, extinto, como as restantes comunidades religiosas masculinas, pelo decreto do ano de 1834. Após a sua extinção, o espaço conventual ficou ao abandono, vindo a realizar-se, através da política de desamortização dos bens da igreja, a sua venda. O Pe. António Anselmo refere que “a igreja anexa foi em 1884 restaurada das suas ruínas, a expensas da proprietária sr.^a D. Maria Joanna da Silva Coelho”⁵.

O convento, reconhecido pelas suas constituições como uma das principais casas da Ordem⁶, localiza-se no campo de Montes Claros, lugar de duplo significado num terreno fértil, com abundância de água entre a Serra da Vigária e o vale ocidental que antecede a principal montanha alentejana, a Serra d’Ossa. Próximo daquela casa religiosa, ocorreu, a 17 de junho de 1665, a histórica Batalha de Montes Claros entre os exércitos português e castelhano, desconhecendo-se a existência de relatos ou fontes documentais descritivas deste acontecimento nas memórias daquele convento.

O mesmo não acontece em relação aos mármore de Montes Claros, amplamente referenciados nas diversas campanhas de obras da comunidade nos conventos da Ordem, para além de muitas outras referências a encomendas exportadas para outras importantes obras da arquitetura.

Confrontados com a falta de documentação, monografias publicadas ou estudos académicos dedicados a esta casa eremítica, tivemos que lutar com algumas dificuldades para a construção de uma memória documental. No entanto, destacamos as informações fornecidas pelo Pe. Joaquim da Rocha Espanca no seu laborioso trabalho *Memórias de Vila Viçosa*, e de Túlio Espanca, no *Inventário Artístico de Portugal*, no volume dedicado ao concelho de Borba. Não obstante, foi possível identificar alguns documentos bastante interessantes para aprofundar uma das principais reformas realizadas no Convento de Nossa Senhora da Luz, ocorrida a meio do século XVIII, conforme adiante se verificará.

Sabemos, pela parca documentação disponível, que a comunidade paulista do Convento de Montes Claros dispunha de rendimentos de várias proveniências, conforme se descreve mais à frente; desde logo, a entrega de legados pelos seus padroeiros, destacando-se entre eles os Duques de Bragança, pelo seu particular afeto e pela proximidade da residência de Vila Viçosa, a qual era complementada por uma estrada de ligação ao convento, passando pela ermida de Santo André até Vila Viçosa.

⁵ António Joaquim Anselmo. *O concelho de Borba. Topographia e História*. 2.^a ed. Câmara Municipal de Borba. Elvas: Typographia e Stereotypia Progresso, 1984, p. 42.

⁶ Francisco da Natividade. *[Livro da Regra do Bispo & Doutor da Igreja Sancto Agostinho. E das Constituições da Ordem de São Paulo Primeiro Ermitão da Cõgregação da Serradossa, Emendadas, & Reformadas pello Provincial & Definidores, & Capitulares juntos no Capitulo celebrado no Convento de Santo Antão sito em Val D’Iffante o anno de 1616...]*. Lisboa: Pedro Craesbeeck, 1617, capítulo XV, fl. 70. <https://purl.pt/26890>. (consultado em 05-05-2023).

A arquitetura dos mármore nos Conventos paulistas. O Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros

Embora, o poder político, social e cultural da Casa Ducal dos Bragança tenha sido transferido de Vila Viçosa para Lisboa, na sequência da aclamação do oitavo duque de Bragança como rei da nova dinastia de Portugal – D. João IV em 1640 – as casas monásticas não perderam o seu contributo mecenático.

Como se pode comprovar pela documentação analisada, as fontes de rendimento eram variadas e provinham do arrendamento de bens de raiz (propriedades rústicas e urbanas), foros, pitanças e rendimento de capitais de doações de famílias abastadas e de compra e venda de animais de engorda. Existem ainda indícios que este convento seria, muito provavelmente, proprietário de terrenos agrícolas onde se exploravam pedreiras de mármore, algo que justificaria os topónimos de algumas das propriedades, tais como as Herdades da Ruivina, da Talisca e do Mouro, na freguesia de São Tiago de Rio de Moinhos, no concelho de Borba ou da Herdade da Almagreira, na freguesia de Santa Catarina de Pardais, no concelho de Vila Viçosa.

É difícil assumir, nesta fase da investigação, a existência de orientações e normas para os gastos financeiros, estabelecidas pela casa principal da Ordem, através do seu Provincial, para a realização das campanhas ocorridas ao longo do século XVIII nas quais, os mármore apresentam uma significativa utilização na arquitetura e nos equipamentos funcionais do espaço litúrgico.

Procuraremos com a nossa pesquisa, evidenciar as intervenções realizadas no património artístico e arquitetónico nos diversos espaços do convento: igreja, claustro, dormitórios e espaço envolvente, como se descreverá em seguida.

Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros: fundação e seus rendimentos

Na sequência da expansão das comunidades eremíticas ligadas ao movimento da Serra D'Ossa, ocorrida no século XIV e XV, surgem, ao redor da casa-mãe, vários eremitérios. No artigo publicado na última edição desta revista, explanámos com mais rigor estas dinâmicas, contudo é importante recordar que, no início do século XV, na região de Montes Claros, surgiram duas comunidades eremíticas quase em simultâneo: a de São Pedro de Bencatel (1395-1441) e a de Montes Claros (1407-1834). Subsistiu assim, até ao século XIX, a de Montes Claros, verificando-se o abandono progressivo do eremitério de São Pedro de Bencatel, motivado pela afirmação do de Montes Claros e de Valbom⁷. Conhecemos várias doações feitas, ao longo de todo o século XV, de diversas herdades e pedaços de terra para cultivar, a estes *pobres da pobre vida*, bem como a aquisição de vários bens de raiz, que permitiram aumentar a capacidade de rendimento e de afirmação de Montes Claros, perante outras comunidades que, na segunda metade do século XV e inícios de XVI, vão desaparecendo paulatinamente. Como já verificámos no artigo anterior, foi nos

⁷ O eremitério de Valbom, no termo de Vila Viçosa, daria depois origem, no século XVII ao Convento de Nossa Senhora do Amparo, instalado no *Rocio* de Vila Viçosa.

finais do século XVI que os eremitérios da Congregação da Serra D'Ossa adotaram os seus oragos⁸, tendo o eremitério de Montes Claros elegido como sua patrona a Virgem Maria, sob o título de Nossa Senhora da Luz [Fig. 1].

Ao longo do século XVII e XVIII, a instituição de capelas no Convento de Nossa Senhora da Luz seria uma prática recorrente, aumentando, em muito, os rendimentos daquela comunidade religiosa. Destaca-se a capela instituída por descendentes da família Sande, que permitiu aos religiosos aceder aos rendimentos de uma importante herdade dividida entre os termos da vila de Borba e de Estremoz. Além das suas próprias herdades (como são exemplo a Herdade da Almagreira, na freguesia de Santa Catarina de Pardais, e a Herdade das Nogueiras e a Herdade da Ruivina, na freguesia de São Tiago de Rio de Moinhos e a Herdade da Caldeirinha, no termo de Elvas), o convento de Montes Claros, no decorrer do século XVIII, detinha também algumas propriedades arrendadas para exploração direta, como eram os casos da Herdade da Talisca e da Herdade do Monte do Mouro, esta última arrendada à Misericórdia de Borba⁹ [Fig. 2]. Outra fonte de rendimento que o convento apresentava, no século XVIII, provinham dos aforamentos de diversas azenhas, nomeadamente as da ribeira de Pardais (na Herdade da Almagreira), as da Ribeira de Borba e Alcaraviça, que pagavam foro ao Almojarifado de Vila Viçosa¹⁰ [Fig. 3], e uma em Rio de Moinhos, identificada como Azenha da Alagoa.

Estas propriedades estavam aforadas e arrendadas a particulares, contudo o Convento de Montes Claros apresentava também algumas explorações por administração direta, como é comprovado no livro de procuração do convento através do pagamento de salários aos trabalhadores: chibarreiros, cabreiros, pastores, vaqueiros, pessoal de jorna no cultivo de feijoads, ceifas, monda e trabalho de debulha na eira: *Dei ao Feijoeiro da Serca, João Lourenço, pello mez de Julho, onze tostoes*¹¹; *Dei a um homem que trabalhou dois dias nas eiras, novecentos reis*¹²; *Dei por mondarem o trigo temporão este mez, quatro mil cento e noventa*¹³. Constatamos ainda que o Convento detinha, diretamente, negócios de gado através de despesa de compra de animais para criação como é exemplo a despesa efetuada no mês de agosto de 1745: *Dei por 22 cabeças, entre cabras e xibatos, na Feira de Jeromenha*¹⁴, *doze mil e cem reis*¹⁵; ou ainda o registo de despesa do mês de dezem-

⁸ BPE-Reservados. Convento de Nossa Senhora do Amparo de Vila Viçosa, liv. 11: *No anno de 1585 em hum Capitulo geral celebrado no convento de Val do Iffante sendo provincial o padre Frey Martinho de são Paulo, E definidores os padres Frey Bras de santa Maria, frey Manoel de são Paulo, frey Symão da Cruz, E frey Rodrigo de Jesus, se mandou que todas nossas casas tivessem particulares oragos e invocações.*

⁹ BPE-Reservados. *Convento de S. Paulo de Borba*, liv. 9, peça 228.

¹⁰ *Idem*, peça 363.

¹¹ ADE. *Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros de Borba*, cx. 1, doc. 27, fl. 53.

¹² *Idem*, fl. 65v.

¹³ *Idem*, fl. 50v.

¹⁴ Na vila de Jerumenha realizava-se uma feira franca no dia 10 de agosto, dia de São Lourenço (ANTT, *Memórias paroquiais, Freguesia de Nossa Senhora da Loreto*, vol. 18, nº 48, fl. 311 a 322).

¹⁵ ADE. *Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros de Borba*, cx. 1, doc. 27, fl. 33v.

A arquitetura dos mármore nos Conventos paulistas. *O Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros*

bro desse mesmo ano: *Dei por cento e 3 chibos, que vieram de Olivença, quarenta e seis mil e quinhentos*¹⁶. A aquisição desta quantidade de gado, nunca poderia ser justificada como despesas de alimentação, mas sim como despesas de investimento para o sustento do convento. Em junho de 1748, surge uma despesa de pagamento do salário anual aos cabreiros: *Dei aos cabreiros, por guardarem as cabras este anno que acabou no fim de Mayo de 48, dez mil trezentos e sessenta*¹⁷. Em agosto de 1750, surge uma despesa que mostra que os frades vendiam animais nas feiras da região: *Deose a hum homem que ajudou a levar os carneiros à feira do Vemieiro*¹⁸, *e trabalhou dous dias na Serca, quatro centos reis*¹⁹. Como verificamos, os rendimentos do Convento de Montes Claros eram muito diversificados: rendimentos de bens de raiz, foros, pitanças e rendimento de capitais, mas também rendimentos de exploração agrícola e pecuária.

A arquitetura setecentista do convento: campanha de obras, análise e cruzamento de fontes documentais e fotográficas

No único livro de despesas a que tivemos acesso, intitulado *Livro para a procuração do Convento de Nossa Senhora de Montes Claros*²⁰, são apresentadas e descritas as despesas efetuadas no Convento entre os anos de 1744 e 1763. Nele foram lançadas rubricas de despesas correntes (alimentação, calçado, vestuário, guisamentos), despesa com atividade agrícola (pessoal subalterno, alfaias, animais de tiro, pastagens, portagens) e despesas com obras e conservação do espaço conventual. É sobre estas últimas que nos vamos debruçar recorrendo, para isso, à análise das despesas efetuadas com obras, materiais de construção e encomendas artísticas, bem como ao cruzamento entre essas despesas e os equipamentos ainda existentes no convento, sobre os quais, foi realizado pelo CECHAP um levantamento fotográfico, no ano de 2020. Contudo, ressaltamos que a busca por mais livros de despesa do Convento de Montes Claros foi infrutífera, o que impediu alargar o trabalho de pesquisa, progredindo dessa forma com outras fontes documentais para o estudo que pretendíamos realizar sobre a campanha de obras e o uso dos mármore naquele espaço conventual no século XVIII. Porém, ultrapassámos estes hiatos na documentação através da integração de informações presentes nos materiais pétreos identificados, como é o caso do bocal com parapeito cilíndrico da cisterna do claustro, em mármore branco [Figs. 4 e 5], datado de 1742 (dois anos antes da primeira rúbrica de despesa lançada no livro em causa).

¹⁶ *Idem*, fl. 37v.

¹⁷ *Idem*, fl. 42.

¹⁸ De acordo com as suas Memórias Paroquiais, a feira franca da vila do Vimieiro realizava-se durante os três primeiros dias de agosto. (ANTT. *Memórias paroquiais, Freguesia de Nossa Senhora da Encarnação*, vol. 41, n° 343, fl. 2077 a 2086).

¹⁹ ADE. *Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros de Borba*, cx. 1, doc. 27, fl. 65v.

²⁰ ADE. *Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros de Borba*, cx. 1, doc. 27.

No que diz respeito ao espaço conventual e à sua igreja sabemos que, durante o século XVII e XVIII, existiram várias campanhas de obras, sendo as mais significativas as ocorridas na transição dos séculos – nomeadamente, na construção de alvenaria de todo o corpo conventual que mutilou, por completo, o anterior eremitério quinhentista. Sabemos que em 1714, a abóbada da capela-mor já estaria completa e pintada [Fig. 6] e que da mesma data é a mísula que estaria integrada no altar do Bom Jesus de Montes Claros [Fig. 7], altar onde se encontra hoje a imagem de São Miguel Arcanjo, no corpo da igreja da parte do Evangelho. Neste altar foi fundada, em 1702, por Francisco Gonçalves Pelado, uma capela de seis missas com o rendimento de umas casas e um chão de oliveiras no lugar do Poço Bravo²¹ [Fig. 8]. Fronteiro a este altar situava-se o altar de São Miguel [Fig. 9], no qual se expõe, nos nossos dias, a imagem de Santa Margarida de Antioquia. São imagens do século XVIII, mas muito repintadas nas reformas efetuadas pela família Coelho, proprietária do edifício, na década de 80 do século XIX²². Destaca-se também o púlpito [Fig. 10 e 11], em mármore das pedreiras da região, obra de cantaria da primeira metade do século XVIII, descrito por Túlio Espanca como sendo “de base cilíndrica” e “ricamente esculpido com ornatos naturalistas e palmares, do estilo rococó de D. João V”²³. Este equipamento marmóreo será, com certeza, anterior a 1744, pois não se encontrou referência da sua aquisição no livro de despesas a que tivemos acesso. O cancelo de mármore [Fig. 12 e 13], que divide a nave do corpo da igreja, com peças “nobremente trabalhadas em bandeiras transfuradas e florões encadeados²⁴”, é obra de 1752, como se verifica na seguinte rubrica de despesa: *Deusse pella pedraria para as cancellas da Igreja, lavrar dellas, matriais que se comprarão para o lustro e mais dispezas que se fizerão com ellas: sento e sete mil noventa e cincoenta reis*²⁵.

Os altares do falso cruzeiro, hoje dedicados a Santa Bárbara²⁶ [Fig. 14] e a Nossa Senhora da Conceição foram, no século XVIII, dedicados a São João de

²¹ BPE-Reservados. *Convento de S. Paulo de Borba*, liv. 8, fl. 517 e 518.

²² Túlio Espanca. *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Évora*. Volume IX, Lisboa: SNBA, 1978, p. 164.

²³ *Ibidem*.

²⁴ *Ibidem*.

²⁵ ADE. *Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros de Borba*, cx. 1, doc. 27, fl. 81.

²⁶ Curiosa a nota de Túlio Espanca que transcrevemos: *A escultura de Santa Bárbara pertenceu à casa professa dos jesuítas de Vila Viçosa e foi doada pela freguesia de S. Bartolomeu desta vila, em 1884, em homenagem aos profundos trabalhos de remodelação levadas a efeito no templo, pela família Coelho, sua proprietária*. (Túlio Espanca. *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Évora*. Volume IX, Lisboa: SNBA, 1978, p. 164.). O Padre Joaquim da Rocha Espanca, nas *Memórias de Vila Viçosa*, faz também referência a esta imagem e ao facto de ter sido doada à família Coelho do Convento da Luz: *Com a instalação ali [na igreja do Colégio dos Jesuítas] da freguesia de S. Bartolomeu tornou-se esta igreja um vasto e repleto santuário – e tão repleto que faltam lugares para as imagens. Tanto assim que vi metidas num armário da casa de arrecadação as estátuas de um S. Francisco Xavier e Santa Bárbara*. Acerca desta imagem, refere ainda que *Santa Bárbara também tinha bens. O prepósito Paulo dos Reis, em 1740, dá a juro de 5%, 50\$000 reis que lhe*

**A arquitetura dos mármore nos Conventos paulistas.
O Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros**

Deus e a São Caetano, como se comprova pelas despesas realizadas em julho de 1748 e em 1763: *Dei por fazer dois Arcos de Páo para S. João de Deos e São Caetano e assentar as portas do celeiro, quatro sentos e oitenta*²⁷; *Da franja e galão das quartinas dos nixos de São Caetano e São João de Deos, quatro mil duzentos e quinze*²⁸. Túlio Espanca também nos informa que, em 1724, a reitoria da Serra D'Ossa ordenou o douramento do seu retábulo [de São João de Deus] *de talha barroca, pela quantia de 99\$600 réis*²⁹. Os retábulos de talha dos altares da igreja conventual, provavelmente das campanhas dos finais do século XVII, estão atualmente desaparecidos, tendo sido substituídos, no século XVIII ou inícios do XIX por retábulos de estuque em estilo neoclássico. No livro de procuração dos anos 1744 a 1763, encontramos referenciadas três intervenções realizadas na capela-mor: em 1748, a construção de um trono novo e dois nichos para os padroeiros da comunidade (Nossa Senhora da Luz e São Paulo, primeiro eremita); em 1749, o douramento da capela-mor num valor total de 264\$000 réis; em 1752 a aplicação dos caixilhos e vidraças na dita capela. Em 1758, vimos referenciada a despesa com *pó de pedra para o estuque*³⁰, sem discriminar onde o mesmo seria aplicado, mas que, provavelmente, teria ficado a indicação para a posterior aplicação dessa argamassa no revestimento decorativo do convento [Fig. 15].

Nas décadas de 1740 e 1750, a sacristia da igreja conventual, sofreu grandes reformas tanto a nível estrutural como artístico. Em 1748, foram registadas quatro despesas com as referidas obras: em abril gastou-se \$920 réis em parafusos e chumbo para o portado; 12\$000 réis para a aquisição do portado de pedra e 4\$460 réis para a aquisição da sua porta de madeira. Em maio, pagou-se 56\$400 réis, ao mestre alvanéu Manuel Vicente, por fazer a escada e reformar a sacristia pondo ele todos os materiais. Em 1749, investiu-se um total de 508\$250 réis nas obras do referido espaço: no primeiro trimestre adquiriram-se as madeiras, ferragens e fechaduras para o arcaz (hoje totalmente desaparecido) e procedeu-se ao douramento e pintura do mesmo. Nos meses de abril e maio adquiriram-se o lavabo e mesa de cálices³¹ [Fig. 16], dois arcos de pedra (que se colocaram na abertura onde assentou o lavabo e o altar) [Fig. 17 e 18] e a pintura para a sacristia que representa Jesus no Horto. Em maio de 1751, ficou terminada a intervenção neste espaço com as obras de incorporação dos elementos adquiridos em 1749. Deixamos uma transcrição³² relativa a essas obras, na qual verificamos que, a par do acabamento da sacristia, decorriam outras, nomeadamente na portaria do convento.

pertenciam. Joaquim José da Rocha Espanca. *Memórias de Vila Viçosa*, vol. 23. Cadernos Culturais da Câmara Municipal de Vila Viçosa. Vila Viçosa: Gráfica Calipolense, 1984, pp. 53 e 55.

²⁷ ADE. *Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros de Borba*, cx. 1, doc. 27, fl. 43.

²⁸ *Idem*, fl. 183v.

²⁹ Túlio Espanca. *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Évora*. Volume IX, Lisboa: SNBA, 1978, pp. 164.

³⁰ ADE. *Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros de Borba*, cx. 1, doc. 27, fl. 141.

³¹ Esta mesa de cálices encontra-se hoje na sacristia da igreja paroquial de São Tiago de Rio de Moinhos, tendo sido doada pelos proprietários do Convento durante o século XIX.

³² ADE. *Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros de Borba*, cx. 1, doc. 27, fl. 74.

Obra Deu-se pello que fez de custo o assentar dos arcos da sancristia, altar e lavatorio, conserto do alpendre e mais obras que se fizerão de alvanaria assim da mão dos mestres como serventes, vinte e três mil e cecenta reis

Do ladrilho e meteriais que se comprarão para a obra, dous mil e quinhentos e sessenta

Obra Fez do custo o lavrar das pedras do altar e mulduras do coadro e materiais que comprarão para se alizarem e lustrarem as ditas pedras e de mans dos officiais, vinte e outo mil seis centos e outenta e sinco reis

Obra De huns vidros para as vidraças das ginellas da sancristia, dous mil e quatrocentos

Obra De oleo, tintas e ouro e mans de dous mestres pintores que pintarão as portas da igreja, guarda-vento, porta da portaria, engradamento das vidraças, muldura do coadro e outras cousas mais, sinco mil sete centos e vinte.

Ao mesmo tempo que se faziam reformas nos espaços da igreja e da sacristia, a clausura conventual beneficiava também de algumas intervenções. Esta campanha de obras, realizadas nas décadas de 1740 e 1750, ficou concluída por volta de 1758, pois nos inícios desse ano é lançada a rúbrica *Do custo dos ornamentos e mais obras da igreja a que não chegou o dinheiro do Senhor São Bonifácio, 8\$605*³³, na qual transparece que as intervenções teriam sido realizadas com os recursos financeiros do culto de São Bonifácio³⁴ [Fig. 19 e 19a], muito patrocinado por duas irmãs da família Sande, da vila de Estremoz, e que nesse mesmo ano se teriam acertado as contas finais da empreitada.

Conforme verificámos, o Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros beneficiou de várias intervenções no decorrer do século XVIII. Além das obras da igreja e sacristia já descritas, existiram dois outros importantes núcleos de intervenção: as obras no interior da clausura e as obras no sistema hidráulico de abastecimento de água.

³³ *Idem*, fl. 137v.

³⁴ A imagem de São Bonifácio foi muito venerada durante o século XVIII, no Convento de Nossa Senhora da Luz. Conhecemos várias referências documentais e iconográficas à intensidade como se vivia este culto. A festa deste santo era financiada pela abastada família Sande, ao qual foi deixado os rendimentos da referida Herdade da Aldeia dos Sandes. Encontram-se também, no livro de registo da freguesia de São Tiago de Rio de Moinhos, dois assentos de óbito com referências directas ao culto deste santo, tido como protector contra as mordidas de cão raivoso. O primeiro diz respeito a um *mancebo*, natural de Barcarrota (Espanha), que faleceu, em 1760, *deramado ou de raiva no alpendre do Convento da Luz de Montes Claros, aonde vão para receber a bênção de São Bonifácio que costumam fazer aos mordidos de cão dannado* (ADE, Livros de Registo Paroquial, Paróquia de São Tiago de Rio de Moinhos, liv. 12, ex. 5, fl. 138). Além destes registos, existem três exemplares de ex-votos, datados de 1728, 1734 e 1741, que relatam milagres que o santo teria realizado em benefício de moradores da freguesia de Rio de Moinhos (nos lugares do Poço do Bravo e do Monte do Franco) e da vila de Estremoz.

**A arquitetura dos mármoreos nos Conventos paulistas.
O Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros**

Na clausura, durante as décadas de 1740, 1750 e 1760 foram realizadas algumas intervenções que passamos a identificar. Em agosto de 1747 construiu-se o *portado da cerca*³⁵, no qual se gastou 2\$580 réis. Em abril de 1748 fez-se o arco que liga o claustro à escada de acesso ao dormitório no primeiro andar [Fig. 20], o piso dos patamares, em xadrez e todos os degraus da referida escadaria nobre [Fig. 21]:

Obra Dei por fazer o arco da escada, dez mil reis

Obra Dei pello chadrez da mesma, quatro mil e oito centos reis

*Obra Dei por todos os degraus e concertar as portas da varanda, dezoito mil e quinhentos*³⁶

Em março de 1749, aparece inscrita a despesa com a construção da *portaria e de toda a pedraria para ela*³⁷ e também uma despesa de cento e cinquenta tijolos para a mesma obra. Esta divisão, cuja porta que dava para o alpendre encontra-se hoje entaipada, é uma *ampla sala [...], em planta rectangular e tecto de três tramos nervurados, de aresta viva*, como a descreve Túlio Espanca³⁸. Nesse espaço, em 1761, foram colocadas duas pedras para suportar a campainha que lá se colocou tendo o valor da intervenção ficado em 1\$000 réis (mão de obra e materiais).

As intervenções efetuadas nos diversos espaços da clausura, neste período cronológico, parecem-nos ser pontuais, revelando que as obras de fundo se devem ter realizado nas décadas anteriores ao descrito no livro das procurações. Contudo salientamos aquilo que nos parece ser mais interessante, nomeadamente, todas as encomendas (ou despesas) de elementos marmóreos como é o caso dos cachorros de mármore que se colocaram na porta do refeitório [Fig. 22], em 1755, para suportar o sino que dava o sinal da hora da refeição, como está descrito nas Constituições da Congregação da Serra D'Ossa³⁹:

Desde o dia de Páscoa até dia de Santa Cruz de setembro, farão sinal a jantar, nos dias que não forem de jejum, às nove horas, e a ceiar às cinco da tarde. E do dito dia de Santa Cruz até à Páscoa (nos dias que não são de jejum) farão sinal a jantar às dez horas, pouco mais ou menos, e a ceiar às quatro horas. [...] Tanto que os religiosos ouvirem fazer o sinal a comer, logo com diligência acudam, e nenhum ficará para a mesa segunda, tirando os que ministram na cozinha, ou em outra coisa naquela hora, necessária à comunidade.

³⁵ ADE. *Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros de Borba*, cx. 1, doc. 27, fl. 33v.

³⁶ *Idem*, fl. 40v.

³⁷ *Idem*, fl. 49.

³⁸ Túlio Espanca. *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Évora*. Volume IX, Lisboa: SNBA, 1978, p. 166.

³⁹ Fr. Francisco da Natividade. *Livro da Regra do Bispo & Doutor da Igreja Santo Agostinho E das Constituições da Ordem de São Paulo Primeiro Ermitão da Congregação da Serra D'Ossa, e mandadas, & reformadas pelo Provincial & defnídores & capitulares juntos no capítulo celebrado no convento de Santo Antão sito em Vale do Infante o ano de 1616*. Lisboa: Pedro Craesbeeck, 1617, p. 10.

No refeitório, em 1761, foram também colocadas as vidraças das janelas, conforme se transcreve⁴⁰:

Obra De hum official que fez os caixilhos da vidraça do refeitório, quatro mil e quatrocentos

[...]

Obra De dezassete vidros que vierão de Lisboa para a vidraça do refeitório a secenta reis, mil e vinte

Obra Do caixão em que vieram, massas, pregos e frete, duzentos e vinte

As obras ligadas à hidráulica, a que chamamos arquitetura da água, foram também uma componente importante nas despesas efetuadas nestas décadas. Começam logo em agosto de 1747, com a compra de oito arráteis de pólvora e de doze cestos para se tirar pedra e terra do cabouco do tanque⁴¹. Em dezembro do mesmo ano, começou-se a abrir o referido cabouco apresentando-se para isso uma despesa de 19\$500 réis⁴². No ano seguinte, no mês de maio, foi contratado um vedor *que veio de Viana*, provavelmente para ajudar a encontrar o melhor veio de água de abastecimento do reservatório em construção⁴³. Nesse mesmo mês, foram adquiridos mais oito arráteis de pólvora e em junho aparece mais uma despesa de trabalhos de abertura do referido cabouco, bem como a despesa para aquisição de ferramentas utilizadas nesse processo: um escopro e uma verruma⁴⁴. Ao que parece, e por falta de inscrições de rubricas de despesa, a obra do tanque esteve parada entre 1747 e 1750, ano este, onde se volta a fazer referência a esta empreitada. Em maio desse ano, surge a seguinte despesa⁴⁵:

Obra Deose a dois cabouqueiros e três serventes que andarão em o chaboco quebrando humas pedras duas somanas e pólvora que se gastou nesta obra, três mil e seis centos

Nesse período foi também adquirida uma bica de mármore para o tanque no valor de \$480 réis⁴⁶. Em outubro, e associada a estas obras, surge a aquisição de trezentos e cinquenta ladrilhos⁴⁷, provavelmente para impermeabilizar o reservatório, e no mesmo mês mais uma despesa com um *vedor de Alpedrinha que veio ver as águas*⁴⁸. No mês seguinte surge a despesa com o salário de um cabouqueiro que trabalhou durante duas semanas nessas obras⁴⁹. Mais uma vez, no período entre

⁴⁰ ADE. *Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros de Borba*, cx. 1, doc. 27, fl. 171.

⁴¹ ADE. *Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros de Borba*, cx. 1, doc. 27, fl. 33v.

⁴² *Idem*, fl. 37.

⁴³ *Idem*, fl. 41.

⁴⁴ *Idem*, fl. 41v e 42.

⁴⁵ *Idem*, fl. 63v.

⁴⁶ ADE. *Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros de Borba*, cx. 1, doc. 27, fl. 63v.

⁴⁷ *Idem*, fl. 66v.

⁴⁸ *Ibidem*.

⁴⁹ *Idem*, fl. 67.

**A arquitetura dos mármore nos Conventos paulistas.
O Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros**

1750 e 1758, não surgem despesas associadas a esta obra, sendo que a derradeira campanha terá acontecido no primeiro trimestre de 1758. Nesse período intensificaram-se os gastos com materiais de construção e mão-de-obra associados a esta empreitada⁵⁰:

- Obra Dei para vinte seis milheiros de ladrilho e carretas, dezoito mil e oito centos*
- Obra Dei para quarenta e sinco cestos, dois mil trezentos e noventa*
- Obra Dei para cantaros seis tostois*
- Obra Dei para duas bicas, huma buxa e mais pedras que acompanhão a dita buxa, dois mil sete centos e vinte*
- Obra De mãos dos officiais e trabalhadores que trabalharão na obra do tanque the o tempo que se foi o Padre Reitor, cento e vinte e sette mil nove centos e sincoenta reis*
- Obra De mais sete moyos de areia, 1\$100*
[...]
- Obra Dei para a pedraria de pedra marmore para sima do tanque vinte e sete mil reis*
- Obra Deicho para se acabar o tanque e fazer huma parede e huns canos, e para cal, trinta e oito mil e quatro centos*

Em abril do ano de 1758, surge a última referência a gastos com a obra do tanque do convento: *Para se fazer o chafariz que está junto do tanque, cano e arquinha da agoa, e mais emendas sinco mil settecentos e vinte*⁵¹. Túlio Espanca, no seu Inventário Artístico do distrito de Évora, refere: *Do tempo dos frades é o vasto tanque das regas da horta, embora melhorado ulteriormente por muros e rebordo de mármore trabalhado, com caixa reguladora das águas, de gargalo redondo, moldurado*⁵². Este equipamento é um vasto tanque que ainda se conserva e que recebe águas da cisterna do claustro, bem como das nascentes da Serra da Vigária, e que servia para regar as culturas graníferas da cerca do convento que eram plantadas e cuidadas por trabalhadores jornaleiros, contratados pela comunidade religiosa.

Nota final

Como se pode concluir, no presente trabalho de investigação fomos limitados pelas poucas fontes documentais e pela falta de estudos monográficos e outros, dedicados ao extinto convento paulista de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros, o que impossibilitou um conhecimento sistemático daquela comunidade. Todavia,

⁵⁰ *Idem*, fl. 137v.

⁵¹ *Idem*, fl. 138v.

⁵² Túlio Espanca. *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Évora*. Volume IX, Lisboa: SNBA, 1978, p. 166.

nem tudo foi dificultado, uma vez que, do conjunto de documentação analisada, identificou-se, o período do século XVIII, como momento de intervenção da comunidade no benefício do património de sua casa.

Lembra Vítor Serrão, sobre o conceito de *Cripto-História da Arte*, que esta *não se faz apenas só com o recurso a obras vivas*⁵³. No caso deste convento estamos perante um caso de incúria arquivística, desconhecendo-se onde poderá estar parte importante do seu arquivo, em particular, documentos de gestão da vida da comunidade, tais como os livros de registo de despesas e receitas. Mas, apesar desse facto, não podemos deixar de evidenciar, ou negligenciar, o valor do património que representa a arquitetura e os elementos artísticos deixados por aqueles religiosos na sua casa conventual. Aquele espaço tem de ser entendido à luz da sua época, no conjunto das restantes casas conventuais de São Paulo da Serra d'Ossa e no significado que elas representaram, também do ponto de vista cultural e na dinâmica das artes ali empregues.

De um modo geral, o nosso propósito, foi alcançado, pois foi possível identificar parcialmente um conjunto de encomendas no património conventual, que desconhecíamos, realizadas entre 1744 e 1763, onde se destacam os equipamentos em mármore.

Esperamos que os dados reunidos pela nossa investigação possam estimular e suportar o futuro trabalho arqueológico, em ordem à identificação e conhecimento dos vestígios materiais deixados pela comunidade paulista do Convento de Nossa Senhora da Luz, ajudando assim a ultrapassar a escassez das informações facultadas neste domínio pela documentação disponível. O nosso contributo fica aqui registado, esperançados que voltaremos a ter no futuro novos dados para o conjunto da história do património da Ordem de São Paulo da Serra d'Ossa.

Fontes e bibliografia

Fontes Manuscritas

ADE. *Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros de Borba*, cx. 1, doc. 27

ANTT. *Memórias paroquiais*, vol. 18, nº 48, fl. 311 a 322.

ANTT. *Memórias paroquiais*, vol. 41, nº 343, fl. 2077 a 2086.

ANTT. Ministério das Finanças. «Inventário de Extinção do Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros». Borba, 1834, cx. 2239.

BPE-Reservados. *Convento de Nossa Senhora do Amparo de Vila Viçosa*, liv. 11.

BPE-Reservados. *Convento de S. Paulo de Borba*, liv. 8.

BPE-Reservados. *Convento de S. Paulo de Borba*, liv. 9, peça 228.

BPE-Reservados. *Convento de S. Paulo de Borba*, liv. 9, peça 363.

⁵³ Vítor Serrão. *A Cripto-História da Arte. Análise de Obras de Arte Inexistentes*. Livros Horizonte. Lisboa: Livros Horizonte, 2001.

**A arquitetura dos mármore nos Conventos paulistas.
O Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros**

Fontes Impressas

- DAMASIO, Fr. Manoel de S. Caetano. *Thebaida portugueza: compendio historico da Congregação dos Monges Pobres de Jesu Christo da Serra de Ossa chamada depois de S. Paulo de I. Eremita...* 2 vols. Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1793.
- NATIVIDADE, Fr. Francisco da. *[Livro da Regra do Bispo & Doutor da Igreja Sancto Agostinho. E das Constituiçõe[n]s da Ordem de São Paulo Primeiro Ermitão da Cõgregação da Serradossa, Emendadas, & Reformadas pello Provincial & Definidores, & Capitulares juntos no Capitulo calebrado no Convento de Santo Antão sito em Val D'Íffante o anno de 1616.* Lisboa: Pedro Craesbeeck, 1617. <https://purl.pt/26890>.
- SANTA MARIA, Fr. Agostinho de. *Santuário Mariano, e Historia das Image[n]s milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dos Prêgadores, & dos devotos da mesma Senhora.* Tomo 6. Lisboa: Oficina de Antonio Pedrozo Galrao, 1716, fl. 194-196.
- SANTO ANTÓNIO, Fr. Henrique de. *Chronica dos Eremitas da Serra de Ossa.* (2 vols.). Lisboa: Oficina de Francisco da Sylva, 1745.
- SÃO BOAVENTURA, Frei Carlos. *Constituições dos Eremitas de São Paulo da Congregação da Serra d'Ossa.* Lisboa, 1707.

Bibliografia

- ALMEIDA, Fortunato de; Damião Peres. *História da Igreja em Portugal.* Nova edição. (4 vols.). Porto: Portucalense, 1967.
- ANSELMO, António Joaquim. *O concelho de Borba. Topographia e História.* 2.^a ed. Câmara Municipal de Borba. Elvas: Typographia e Stereotypia Progresso, 1984.
- ESPANCA, Joaquim José da Rocha. *Memórias de Vila Viçosa*, vol. 23. Cadernos Culturais da Câmara Municipal de Vila Viçosa. Vila Viçosa: Gráfica Calipolense, 1984, pp. 53 e 55.
- ESPANCA, Túlio. *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Évora.* Tomo IX, volume I Lisboa: SNBA, 1978.
- ESPANCA, Túlio. *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Évora.* Tomo IX, volume II Lisboa: SNBA, 1978.
- FILIPE, Carlos. *Levantamento fotográfico na Igreja do Convento de Santo António da Ordem de Sousel dos Eremitas de São Paulo da Serra d'Ossa.* Vila Viçosa: Património e História da Indústria dos Mármore, CECHAP. <https://www.marmore-cechap.pt/data/1016190/S%25C3%25A3o%2520Paulo>
- FILIPE, Carlos. *Levantamento fotográfico na Igreja e Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros da Ordem dos Eremitas de São Paulo da Serra d'Ossa.* Vila Viçosa: Património e História da Indústria dos Mármore, CECHAP, 2014. <https://www.marmore-cechap.pt/data/1016667/S%25C3%25A3o%2520Paulo>
- FILIPE, Carlos. *Levantamento fotográfico no Hotel Vila Galé Collection Elvas, extinto Convento de Nossa Senhora dos Remédios da Ordem dos Eremitas de São Paulo da Serra d'Ossa.* Vila Viçosa: Património e História da Indústria dos Mármore, CECHAP, 2023. (não publicado).

- FILIFE, Carlos; Maria João Pereira Coutinho e Patrícia Monteiro. “O apogeu do mármore no Alto Alentejo: equipamentos da arquitetura religiosa no século XVIII”. In *Mármore 2 000 anos de História. Volume III. Contributo dos Mármore do Alentejo para afirmação das Artes*. Coimbra: Edições Almedina, 2022, p. 325-382.
- FILIFE, Carlos, e João Pires Lopes. «A Arquitetura dos Mármore nos Conventos Paulistas». In *Callipole revista cultural*, Vila Viçosa: Câmara Municipal, 2022, p. 281-316.
- FONTES, João Inglês. *Da «pobre vida» à Congregação da Serra D’Ossa. Génesis e institucionalização de uma experiência eremítica (1366-1510)*. Tese de doutoramento. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2012.
- PEREIRA, José Fernandes, e Paulo Pereira. *Dicionário da arte barroca em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- QUINTAS, Armando; Ana Cardoso de Matos *et al.*. *História das empresas de mármore, granito e pedras afins – Hemagra*. Évora: CIDEHUS, 2023 (estudo em progresso). <https://www.hemagra.uevora.pt/>
- SILVA, Jorge Henrique Pais da; Calado, Margarida. *Dicionário de Termos de Arte e Arquitectura*. Barcarena: Editorial Presença, 2005.
- SERRÃO, Vítor. *A Cripto-História da Arte. Análise de Obras de Arte Inexistentes*. Livros Horizonte. Lisboa: Livros Horizonte, 2001.
- SOARES, Clara Moura; Rute Massano Rodrigues; Carlos Filipe e Noel Moreira. “As rochas ornamentais na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima (Portugal): entre o estético e o simbólico”. In *BSAA arte*. Valladolid: Ed UVA Ediciones Universidad, 2022, p. 371-399.
- VOLZONE, Rolando. «Architecture of the Soul. Legacy of the Eremitical Congregation of São Paulo Da Serra de Ossa (Portugal)». Dissertação de Doutoramento em Arquitetura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos. Lisboa: ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, 2020. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/21385>

A arquitetura dos mármore nos Conventos paulistas.
O Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros

ANEXOS



Figura 1 – Igreja do extinto Convento de Nossa Senhora da Luz de Borba.

© 2020 | CECHAP | PHIM | CF

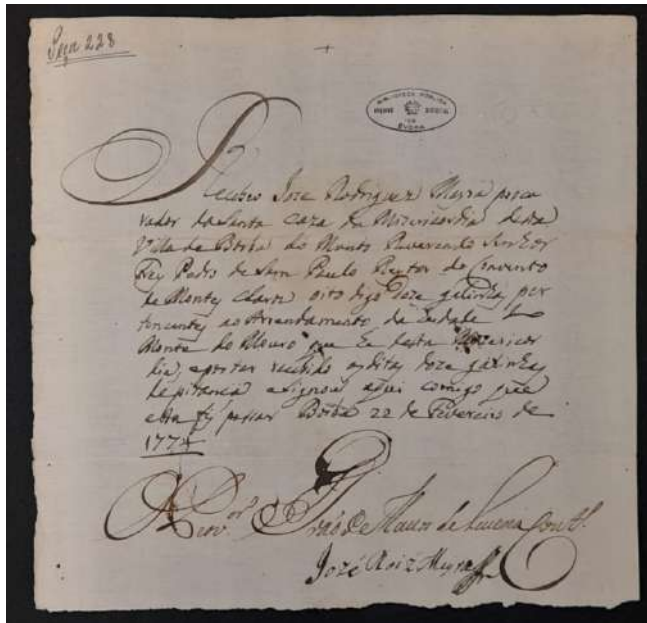


Figura 2 – Recibo do pagamento das pitaças referentes ao arrendamento da Herdade do Monte do Mouro, propriedade da Santa Casa da Misericórdia de Borba. Convento de S. Paulo de Borba. Livro n.º 9, peça 228.

© Biblioteca Pública de Évora

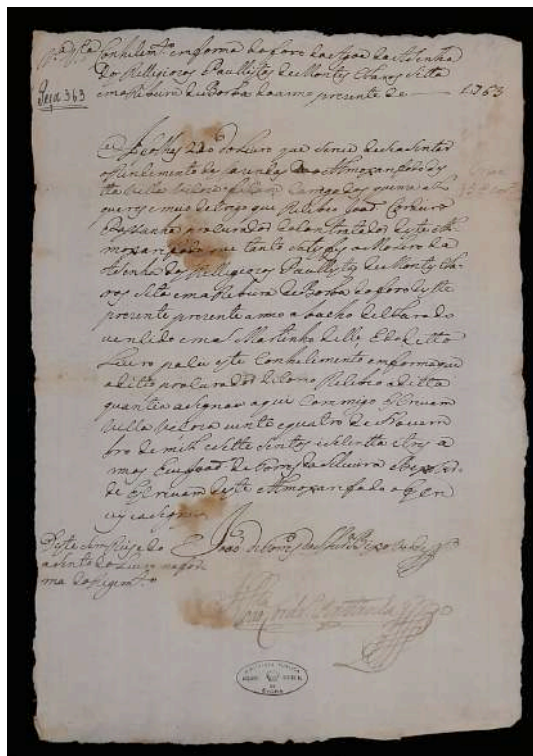


Figura 3 – Certidão do pagamento de quinze alqueires e meio de trigo, que o moleiro da Azenha da Ribeira de Borba, propriedade do Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros, fez ao Almojarifado de Vila Viçosa. Convento de S. Paulo de Borba. Livro n.º 9, peça 363.



Figura 4 – Bocal da cisterna do claustro do extinto Convento de Nossa Senhora da Luz de Borba. © 2020 | CECHAP | PHIM | CF

**A arquitetura dos mármore nos Conventos paulistas.
*O Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros***



Figura 5 – Pormenor do bocal da cisterna do claustro do extinto Convento de Nossa Senhora da Luz de Borba. © 2020 | CECHAP | PHIM | CF



Figura 6 – Pintura do tecto da capela-mor da igreja do extinto Convento de Nossa Senhora da Luz de Borba, representando a Assunção da Virgem Maria aos Céus, datada de 1714.

© 2020 | CECHAP | PHIM | CF



Figura 7 – Mísula marmórea, integrada no altar do Bom Jesus de Montes Claros e datada de 1714.
© 2020 | CECHAP | PHIM | CF

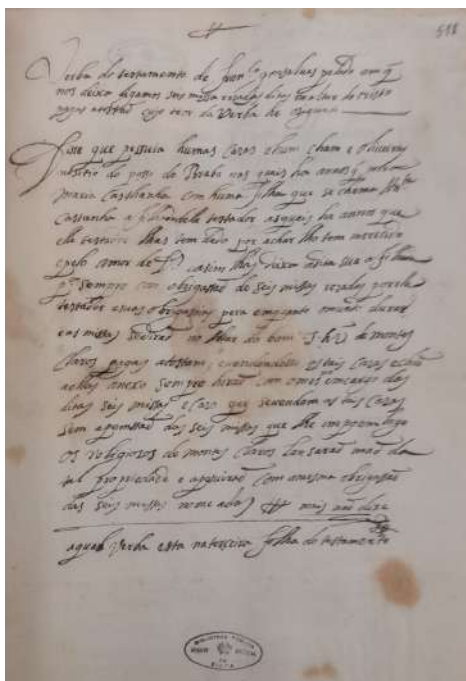


Figura 8 – Verba do testamento de Francisco Gonçalves Pelado em que deixa o rendimento de umas casas e um chão de oliveiras, no sítio do Poço Bravo, para uma capela de seis missas rezadas no altar do Bom Jesus de Montes Claros. Convento de S. Paulo de Borba, Livro n.º 8. © Biblioteca Pública de Évora

**A arquitetura dos mármore nos Conventos paulistas.
*O Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros***



Figura 9 – Altar de São Miguel, na igreja do extinto Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros. © 2020 | CECHAP | PHIM | CF



Figura 10 – Púlpito da igreja do extinto Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros. © 2020 | CECHAP | PHIM | CF



Figura 11 – Pormenor da base do púlpito da igreja do extinto Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros. © 2020 | CECHAP | PHIM | CF



Figura 12 – Grade de mármore da igreja do extinto Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros (lado do Epístola). © 2020 | CECHAP | PHIM | CF



Figura 13 – Grade de mármore da igreja do extinto Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros (lado do Evangelho). © 2020 | CECHAP | PHIM | CF

**A arquitetura dos mármore nos Conventos paulistas.
*O Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros***



Figura 14 – Altar de Santa Bárbara, na igreja do extinto Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros. © 2020 | CECHAP | PHIM | CF



Figura 15 – Capela-mor da igreja do extinto Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros. © 2020 | CECHAP | PHIM | CF



Figura 16 – Mesa de cálices da sacristia do extinto Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros, na sacristia da igreja paroquial de São Tiago de Rio de Moinhos. © 2020 | CECHAP | PHIM | CF



Figura 17 – Lavabo da sacristia do extinto Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros.
© 2020 | CECHAP | PHIM | CF

**A arquitetura dos mármore nos Conventos paulistas.
*O Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros***



Figura 18 – Altar da sacristia do extinto Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros.
© 2020 | CECHAP | PHIM | CF



Figura 19 – Imagem de São Bonifácio Mártir, na igreja paroquial de São Tiago de Rio de Moinhos.
© diocese-evora.inwebonline.net



Figura 19a – Ex-voto a São Bonifácio Mártir, na igreja paroquial de São Tiago de Rio de Moinhos, datado de 1728. © 2023 | CECHAP | PHIM | JL



Figura 20 – Arco e escadaria do claustro do extinto Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros. © 2020 | CECHAP | PHIM | CF

**A arquitetura dos mármore nos Conventos paulistas.
*O Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros***



Figura 21 – Escadaria do extinto Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros.
© 2020 | CECHAP | PHIM | CF



Figura 22 – Cachorros de mármore do sino do refeitório do extinto Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros. © 2020 | CECHAP | PHIM | CF



Figura 23 – Bica de mármore para abastecimento do tanque da cerca do extinto Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros. © 2023 | CECHAP | PHIM | JL



Figura 24 – Chafariz, arquinha e cano de derivação das águas do tanque da cerca do extinto Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros.

© 2023 | CECHAP | PHIM | JL



Figura 25 – Vista geral do tanque da cerca do extinto Convento de Nossa Senhora da Luz de Montes Claros. © 2023 | CECHAP | PHIM | JL